

DOS USOS DO LIVRO E OUTROS IMPRESSOS: A FORMAÇÃO CULTURAL COMUNISTA NOS ANOS 1920¹

Felipe Castilho de Lacerda²

Fritz Ringer apontou, nos comentários metodológicos expostos na introdução de *O Declínio dos Mandarins Alemães*, que se pode fazer a distinção de três maneiras pelas quais um historiador tende a explicar as ideias do passado. A primeira é a explicação *lógica*, ou *racional*: é a sustentação de que determinados pontos de vista pareciam inevitáveis diante das provas disponíveis e das regras do raciocínio correto. A segunda é a explicação *tradicional* das ideias: é a afirmação de que determinadas doutrinas foram aceitas por terem sido herdadas de antepassados intelectuais. A terceira é a explicação *ideológica* das opiniões: é a explicação das ideias de uma pessoa atribuindo-as à sua orientação pessoal ou à sua posição social ou econômica.³

Capa do livro *Rússia Proletária*, de Octávio Brandão, desenhada pelo artista Miguel Capplonch. Acervo da biblioteca do AEL-Unicamp.

Como apontou Michael Löwy, ao estudar a obra do jovem Marx, “o estudo dos quadros sócio-históricos de uma obra é indispensável não somente para a explicação dessa obra, mas também para sua compreensão – esses dois procedimentos são apenas dois momentos inseparáveis de toda ciência humana”. Ou ainda, “em outros termos, a pesquisa dos fundamentos econômicos, sociais [diríamos também *culturais*], não é uma espécie de complemento, alheio ao trabalho do historiador das ideias, mas uma condição indispensável para compreender o próprio *conteúdo*, a estrutura interna, o significado preciso da obra estudada”.⁴

Quando Leandro Konder fez uma análise negativa do pensamento de Octávio Brandão, alcunhando-o, num primeiro momento, de uma “fuzarca”⁵ e, mais tarde, de um “mal-entendido”⁶, acreditamos que o procedimento adotado, que buscava demonstrar a “derrota da dialética”, estava desde o início equivocado. Essa proposição não buscava mais que definir o sentido correto ou ideal do que seria a dialética e, por fim, testar diversas formulações, tal qual a de Octávio Brandão, indicando como elas não se encaixavam nessa formulação. Mais tarde, principalmente após as duras críticas feitas por João Quartim de Moraes às proposições de Leandro Konder, conseguiu-se desvelar o conteúdo preconceituoso daquela primeira elaboração.⁷ No entanto, o interessante é notar que, muitas vezes, mesmo aqueles que, baseando-se em geral nas críticas de Quartim de Moraes, buscaram mostrar as “qualidades” do pensamento de Brandão, de maneira geral reproduziram procedimentos semelhantes. Assim, vemos que Octávio Brandão produziu diversos “acertos” de avaliação, apesar dos diversos “erros”. É certo que esse é um dos procedimentos possíveis e válidos de avaliação de um texto. Trata-se da explicação de tipo “lógico” ou “racional” na tipologia de Fritz Ringer. Mas se limita a um passo da explicação.

Buscamos, com efeito, demonstrar o contexto social, cultural e editorial no qual Octávio Brandão desenvolveu seu pensamento. Os procedimentos metodológicos mais interessantes que se têm desenvolvido nesse sentido são os de Horácio Tarcus, tal qual formulados na introdução de seu *Marx en la Argentina*. Conforme o historiador argentino:

Por isso, antes de inscrever nosso trabalho dentro da *história das ideias*, preferimos fazê-lo [...] dentro da *história intelectual*. É que mais do que prestar atenção a uma “sequência temporal das ideias”, atentamos mais a “suas encarnações temporais e a seus contextos biográficos”. Às ideias, mas também a seus portadores: os sujeitos. Ou melhor, seus forjadores e difusores: os intelectuais. E não só nos ocupamos dos grandes “intelectuais conceptivos”, dos “grandes autores”, mas também dos animadores culturais, os editores, os tradutores, os divulgadores.⁸

Portanto, busco no presente artigo perscrutar os elementos fundamentais da formação cultural no contexto da primeira geração comunista brasileira.

Primeiras leituras

Rússia Proletária, de Octávio Brandão, foi escrita entre 1º de janeiro de 1922 e 2 de dezembro de 1923. Além de escritos originais, o livro é composto de textos publicados em periódicos, como a revista *Movimento Comunista*, e a seção operária de *O País*.⁹ Havia mesmo trechos já publicados em livros anteriores pelo autor, como *Mundos Fragmentários*, de 1922. A obra saiu pelo grupo editorial do jornal *Voz Cosmopolita*, ligado ao Centro Cosmopolita, sindicato dos trabalhadores de hotéis, cafês e restaurantes, com tiragem de 1.800 exemplares. Na realidade, o grupo editor do jornal, assim como dos demais órgãos sindicais controlados pelos comunistas, era o próprio núcleo dirigente do PCB. Octávio Brandão, por exemplo, revisava *Voz Cosmopolita*, além de *O Alfaiate*.¹⁰

A capa foi desenhada pelo pintor Miguel Capllonch. Vê-se a figura de um operário despedaçando os grilhões de um companheiro, enquanto milhares de trabalhadores marcham das cinco partes do mundo em direção ao libertador.¹¹ A capa está em íntima conexão com o conteúdo do livro: uma exaltação à Rússia bolchevique. Aos seus feitos, aos seus líderes, às suas ideias. *Rússia Proletária* marca uma “fase de transição”, como afirma o autor em suas memórias.¹² É, com efeito, o primeiro livro em que Octávio Brandão buscará defender a Revolução Russa e divulgar a interpretação marxista.

O comunista investia em seu livro também uma tarefa ligada à sua atividade na direção partidária. Nas *Teses e Resoluções* do II Congresso do PCB, aponta-se que a direção comunista, prezando pela formação marxista de seus membros, poderia apresentar uma lista de livros importantes e o método de leitura, o que já estaria presente no fim de *Rússia Proletária*.¹³

O capítulo 12 do livro apresenta uma lista de “literatura comunista”. Iniciava-se por títulos introdutórios à doutrina marxista, como o *A.B.C. do Comunismo* (em espanhol) de Bukharin, o *Manifesto Comunista* (em francês), de Marx e Engels, *O Estado e a Revolução* (em francês), de Lenin, e o *Programa Comunista*, também de Bukharin.¹⁴ Passava-se por uma série de livros de Lenin, Trótski, Zinoviev, Arthur Ransome, George Lansbury, Jacques Sadoul e outros. Os livros listados, em geral, tratavam do processo revolucionário russo. Apenas ao fim da sucessão de livros chegava-se à literatura mais complexa e teórica de Marx e Engels. Mesmo esta se inicia pelos textos “políticos”. Primeiro, *A Luta de Classes na França*, o *18 Brumário* e *A Alemanha em 1848*. Depois, *Miséria da Filosofia*, *Crítica à Economia Política*, *O Capital*.¹⁵ A lista era concluída

por duas obras de Engels: *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* e *Anti-Dühring*, mas não se esquecia ainda de indicar as edições da Internacional Comunista.¹⁶ Dessa forma, em relatório direcionado à Seção de Agitação e Propaganda do Komintern, Octávio Brandão, enquanto responsável pela Comissão de Educação e Cultura do PCB, aponta que os dirigentes brasileiros haviam elaborado “uma lista de livros desde os mais acessíveis (*ABC do Comunismo*) até os menos acessíveis (*Anti-Dühring*), para leitura metódica”.¹⁷

A produção intelectual de Octávio Brandão esteve, portanto, diretamente ligada à tarefa da formação política da militância comunista. Ele daria, outrossim, contribuição inestimável à formação do pensamento marxista no Brasil por meio de suas traduções. Em 1924, o Comitê Regional de Porto Alegre editou o *Manifesto Comunista*. Como primeira tradução brasileira do livro¹⁸, o texto foi publicado inicialmente entre julho de 1923 e janeiro de 1924 no jornal sindical *Voz Cosmopolita*.¹⁹ Apesar de o tradutor inserir uma nota final, ele permanece anônimo. Sabemos, no entanto, que a tradução foi de Octávio Brandão.²⁰ Aponta-se que o texto foi “traduzido da edição francesa de Laura Lafargue (filha de Marx), revista por Engels”.²¹ Mas de qual edição? A primeira vez que o *Manifesto Comunista* apareceu no catálogo da Librairie de l’Humanité, casa publicadora do Partido Comunista Francês (PCF), foi em 1922 e se trata justamente daquela edição vertida do alemão por Laura Lafargue.²² No entanto, deve ter sido outro o original utilizado por Octávio Brandão. No mesmo período em que o comunista alagoano traduzia o *Manifesto Comunista*, estava em processo de impressão o livro de sua autoria, *Rússia Proletária*. É provável que a edição do livro de Marx e Engels citada nesta obra seja a que se utilizou para a primeira tradução brasileira. Há duas edições do *Manifesto* citadas no livro. Uma é alemã, publicada em Leipzig, em 1912. A outra foi publicada em Paris, no mesmo ano. Esta pode ser encontrada na biblioteca de Edgard Carone, sendo justamente a tradução francesa de Laura Lafargue, revista por Engels.²³ Pelas conjecturas, é bastante provável que essa edição socialista de 1912 tenha sido a utilizada por Octávio Brandão para a sua tradução de 1923, enfeitada em livro em 1924 pelos comunistas gaúchos. Segundo Leandro Konder, a publicação em livro foi de Samuel Speiski.²⁴

Lede e fazei ler: a Formação Militante

Como assinala Lincoln Secco, “a II Internacional era uma associação de partidos independentes, apesar da ascendência teórica da Social Democracia Alemã. Já a III Internacional foi um movimento pedagógico, missionário, doutrinário, centralizador, unificador e ‘editorial’”.²⁵ Serge Wolikow afirma que, ao menos no início, a política editorial do Komintern é tributária de

herança inscrita na tradição das Luzes, a qual associa o saber com a tradição do movimento operário. No entanto, o surgimento do comunismo, a partir de 1917, comporta uma novidade essencial: há uma associação entre o livro e uma concepção de combate político que coloca em seu centro a ação organizada do partido e de seus militantes. O livro é simultaneamente uma arma política e um instrumento de educação popular. Ainda segundo o autor, “a ligação entre os dois aspectos desabrocha no projeto de revolução cultural que dá ênfase à dimensão pedagógica da leitura, reduzindo ao mesmo tempo a diversidade possível dos usos do livro”.²⁶

O processo de recepção da literatura comunista no Brasil tem, por certo, suas especificidades. Ao analisar a circulação e a recepção das ideias, Horacio Tarcus aponta que o momento da recepção “é um processo ativo pelo qual determinados grupos sociais se sentem interpelados por uma teoria produzida em outro campo de produção, tentando adaptá-la ao (“repcioná-la” no) seu próprio campo”.²⁷ A análise do fenômeno deve, portanto, realizar-se com a atenção voltada aos sujeitos da recepção, seus contextos e atitudes nesse processo. Apropriar-se da literatura comunista não tem igual resultado se a leitura for realizada sob o peso de culturas milenares, como a confucionista ou a incaica, sob a tradição da social-democracia da II Internacional, ou sob a formação do naturalismo anarquista. Também não oferece resultados idênticos se a leitura é silenciosamente realizada no gabinete acadêmico dentro de um sistema universitário cerrado como o alemão ou se é leitura coletiva, nas sedes de sindicatos operários, sob a pressão do iminente assalto policial, por um grupo de “leitores” semi ou completamente analfabetos. Ao mesmo tempo, no entanto, a difusão do marxismo ao redor do globo se baseou em um *corpus*, uma mesma fonte, ou, mais precisamente, num conjunto mais ou menos limitado delas. Da teoria à doutrina, o ideal comunista formou, portanto, um conjunto e, simultaneamente, múltiplos conjuntos de ideias.

Tais premissas nos direcionam à investigação em torno da formação militante: as formas e usos do livro comunista no Brasil, a constituição do público leitor e o discurso sobre a divulgação ideológica que se cristalizou, no jargão comunista, no termo *agitprop*.

Manuais, coleções e “bibliotecas”

A preferência pela edição de brochuras de introdução didática ao marxismo decorre, por um lado, da tendência demonstrada pelo PCB em direcionar sua propaganda ideológica preferencialmente para as massas, acentuada, sobretudo, a partir do II Congresso de 1925. Mas, por outro lado, é reprodução de uma cultura kominterniana. Alguns títulos fizeram a formação política

de membros de Partidos Comunistas ao redor do globo. São livros que prezam pelo didatismo na forma e no conteúdo. Segundo Marie-Cécile Bouju, um quarto dos ensaios publicados pela Librairie de l'Humanité eram direcionados à formação da militância. Em primeiro lugar, o *Précis du Communisme*, de Charles Rappoport, que teve uma primeira edição em 1921 e depois uma reedição por ano até 1924. Logo depois, em 1923, aparece o *ABC du Communisme*, de Bukharin e, em 1924, *Léninisme Théorique et Pratique*, este de Stalin. São livros pensados como “manuais”.²⁸ Não é à toa que, afora o título de Stalin, o núcleo dirigente do PCB tenha optado pela publicação desses livros. Ainda que fuja ao período aqui estudado, é esclarecedora a nota à segunda edição brasileira do *ABC do Comunismo*, assinalando que, “entre os livros de vulgarização da doutrina comunista, esta obra de N. Bukharin se destaca pela clareza de uma exposição tão profunda quanto completa. A sua redação eminentemente popular torna-a acessível precisamente aos que se iniciam nos estudos sociológicos”.²⁹

A Comissão de Educação e Cultura do partido surgiu em abril de 1923³⁰ e, mais tarde, provavelmente após o II Congresso do PCB (1925), tornou-se Serviço de Agitação e Propaganda. Como responsável da Comissão, uma das tarefas principais que perpassou a obra de Octávio Brandão nos anos 1920 foi a publicação de textos para a formação política da base do partido. O *Abecedário dos Trabalhadores*, datado de 7 de dezembro de 1923, mas certamente publicado em 1924, fará parte de uma série de três folhetos assinados pela Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brasil, completada por *Abre Teus Olhos, Trabalhador!* e *O País e o Governo dos Trabalhadores*, todos de 1924 e escritos por Octávio Brandão. Os folhetos dessa série iniciam pelo chamado “És pobre? És um trabalhador?”, convocando o leitor ou leitora que ainda não conhece ou não aderiu ao comunismo. Os três folhetos são uma introdução de notável simplicidade à luta das classes exploradas. Nesses pequenos escritos encontram-se as formulações que o núcleo dirigente comunista buscava imprimir à doutrina marxista a ser aprendida pelas bases do partido.

O *Abecedário dos Trabalhadores* busca, em primeiro lugar, explicar que o mundo se divide entre ricos e pobres e, em seguida, ensina os passos que deve tomar o leitor ou leitora para modificar essa situação: entrar no sindicato, estudar o comunismo, entrar no Partido Comunista e, por fim: “prepararem-se através de anos de lutas, para, aproveitando a fraqueza dos ricos, derrubar o governo dos ricos e implantar o governo dos pobres. Isto quer dizer, por outras palavras, que a classe dos pobres deve implantar a sua ditadura, a ditadura dos pobres contra os ricos”.³¹

Abre Teus Olhos, Trabalhador!, que traz o número 2 indicando pertencer à mesma série, segue a lógica do *Abecedário*. Busca explicar que o pobre

é explorado pelo rico; que deve, portanto, entrar no sindicato da categoria ou, caso ele não exista, criá-lo; fazer greves para a defesa de seus direitos (mas com prudência); entrar no Partido Comunista. Se longa e dolorosa é a estrada, “no fim, porém, nos espera a sombra amiga de uma grande árvore cheia de frutos, árvore cujos ramos cobrirão a terra inteira. É a árvore do comunismo!”³²

O último folheto da série, *O País e o Governo dos Trabalhadores*, possui formato diferente dos demais, com apenas duas páginas, caracterizando-se, na forma, mais como uma folha volante do que como folheto. No entanto, trata-se claramente da continuação da série, trazendo o número 3. Além disso, diferente da maioria das folhas volantes, distribuídas gratuitamente, este “folheto” é vendido ao preço de 100 réis. *O País e o Governo dos Trabalhadores* busca explicar, seguindo o mesmo estilo didático, as transformações ocorridas na Rússia e as vantagens de existir neste país um governo dos trabalhadores. Procura simultaneamente apontar a necessidade de se adentrar o Partido Comunista. Afinal, “porque é que os pobres, pela primeira vez no mundo, conseguiram vencer os ricos? Porque, entre outras razões, à frente dos pobres havia um partido: O Partido Comunista [...] e também porque à frente do Partido Comunista havia um chefe inteligente: Lenine”.³³ Traz ao fim uma lista de materiais a serem adquiridos: os três números da série a 100 réis cada, *O Manifesto Comunista*, a 500 réis e *Rússia Proletária* a 3 mil réis.

Houve ainda outras brochuras do PCB publicadas sob a forma de coleção. Em 1923, foi publicado um pequeno folheto de oito páginas, *O Cidadão e o Produtor*, entrevista de Lenin para o coronel Raymundo Robnis (na grafia da época), da Cruz Vermelha norte-americana publicada no *Metropolitain* (também na grafia, conforme aparece na brochura). A entrevista trata da superioridade do sistema comunista em relação ao capitalista. Edição de má qualidade, apesar de a impressão ser boa, tudo indica serem trechos desconhecidos da entrevista de Lenin, traduzidos com dificuldades (o tradutor não está indicado). Tem como característica mais interessante ostentar uma foto de Lenin numa capa bem elaborada. Foi o número 1 da Pequena Biblioteca de Cultura Proletária, publicado no “ano VII da Revolução Social”, coleção iniciada pelo Comitê Regional de Pernambuco.³⁴

Noções do Comunismo, de Charles Rappoport, é o número 2 da Pequena Biblioteca de Cultura Proletária. Como de costume no período, não apresenta o responsável pela tradução, mas é provável que seu original seja o *Précis du Communisme*, editado pela Librairie de l'Humanité. Como na França houve cinco edições entre 1921 e 1924, torna-se difícil localizar a edição exata utilizada. A que se encontra na biblioteca de Edgard Carone data de 1924. Desde a edição francesa de 1923, o livro aparece como o número 1 da coleção *Les Cahiers Communistes*.³⁵ Possui 29 páginas divididas em 11 capítulos e

explica que o texto apareceu pela primeira vez no jornal *l'Humanité*, em 1921, e já fora traduzido para dez línguas diferentes.³⁶ É um dos grandes manuais do marxismo nos anos 1920. A edição brasileira conforma 36 páginas de um pequeno volume de 17 por 11 centímetros, vendido a 300 réis, o mesmo preço que um número de *Movimento Comunista* ou três de *A Classe Operária*. A capa estampa a mesma foice e martelo contornados por raios de sol e coroa de trigo de *Movimento Comunista* e a datação de “ano VIII da revolução social”.³⁷ O livro já era usado como manual para os cursos antes de ser traduzido, sendo citado na correspondência como “*cours de Rappoport*”.³⁸

Conforme Marie-Cécile Bouju³⁹, tratando do catálogo da Librairie de l'Humanité, “as edições são estruturadas quase pela metade por coleções, o que permite ao editor orientar os leitores”.⁴⁰ Como se pode notar, na cultura comunista, orientar a leitura será algo fundamental. Existe, portanto, uma tendência entre os militantes brasileiros a publicar seus textos por meio de “bibliotecas” ou coleções. Por um lado, faz parte da tradição do movimento operário a publicação nesse formato. Os periódicos anarquistas *Spartacus* e *A Plebe*, por exemplo, possuíam suas “bibliotecas”. Assim como outros grupos libertários, tal qual o Grupo Editor Livre Pensamento.⁴¹ Por outro lado, este é o formato sob o qual chegou a literatura bolchevique ao Brasil, de origem russa (Éditions de L'Internationale Communiste), francesa (Les Cahiers Communistes) ou argentina (Biblioteca Documentos del Progreso e Editorial La Internacional).

O leitor comunista dos anos 1920

O esforço comunista foi único em termos de publicações, o que denota a centralidade da teoria marxista e seu aspecto doutrinador para os comunistas. Apenas entre 1922 e 1925, o PCB produziu 38.800 exemplares de opúsculos e livros, 163.113 de jornais e revistas e 41.100 de folhas volantes distribuídas gratuitamente, faltando mesmo alguns títulos nesse levantamento.⁴² Um dos métodos adotados por Lincoln Secco para buscar dimensionar o público leitor das obras de esquerda é a evolução do número de membros e simpatizantes do partido. Na década de 1920, o crescimento do PCB foi lento, mas contínuo. Em 1924, o partido possuía 273 aderentes. No ano seguinte, 476. Segundo relatório de 1928, o PCB possuía 700 membros nesse ano.⁴³

Podemos, dessa forma, perguntar a quem se destinavam as edições comunistas. O Partido Comunista do Brasil foi formado por um grupo de militantes provindos do movimento anarquista, onde, segundo Leôncio Martins Rodrigues, predominavam os trabalhadores manuais de formação artesanal. Dos fundadores do PCB, apenas dois eram intelectuais. Mais tarde haverá a entrada de trabalhadores industriais e de serviços. Rodrigues apontou a origem

dos participantes do III Congresso do PCB, entre 1928 e 1929: 16 operários, 6 empregados, 6 “intelectuais” e 3 de profissão não especificada. Nas memórias de Leôncio Basbaum, consta que 90% dos integrantes da Juventude Comunista na década de 1920 eram operários, ao passo que em 1946 eram todos estudantes. Portanto, os dados disponíveis indicam grande predominância de trabalhadores entre os militantes do PC nos anos 1920. No entanto, Rodrigues nota que os principais dirigentes, mesmo antes da mudança na composição social do partido, que ocorre na década de 1930 com a entrada dos “tenentes” e classes médias, eram em geral “intelectuais”. Tratar-se-ia, assim, de um partido que, na década de 1920, era composto amplamente por trabalhadores (ainda que não dos setores mais dinâmicos da indústria incipiente), mas com predominância de intelectuais na direção e no setor de propaganda.

Lincoln Secco, ao procurar compreender quem eram os leitores das obras comunistas, também enfatiza a forte predominância de trabalhadores até o fim da década de 1920.⁴⁴ A base comunista, nessa década, era composta por marmoristas, ferroviários, gráficos, mecânicos, padeiros, alfaiates, garçons, sapateiros etc. Sua base regional era a cidade do Rio de Janeiro, onde havia uma estrutura social mais complexa, com ampla classe média profissional e burocrática, militares de carreira, alunos da escola militar e estudantes de escolas superiores. O partido tinha importância escassa entre as massas, não abrangendo os trabalhadores rurais (que, em 1925, eram 68% da população economicamente ativa) e o setor manufatureiro (12% da PEA), com predominância dos setores têxtil e de alimentos. No entanto, importa notar que o partido possuía alguns poucos intelectuais mais ou menos reconhecidos.⁴⁵

Em carta de Astrojildo Pereira dirigida à Seção de *agitprop* do Kominintern, datada de 16 de setembro de 1926, o secretário-geral demonstra a participação incipiente de intelectuais no partido:

Caros camaradas,

Nós recebemos a sua circular n. 7.127 sobre o tema da constituição da Associação Literária Internacional de Escritores Revolucionários. Aqui nossa resposta ao seu questionário:

1. Nós temos poucos escritores membros do Partido: Octávio Brandão (do C.C. chefe da seção de Agit-Prop), publicista, poeta; Affonso Schmidt, poeta, contista, jornalista; Raymundo Reis, poeta; Laura da Fonseca e Silva, poetisa; V. de Miranda Reis, poeta, professor; são todos escritores jovens de origem pequeno-burguesa.⁴⁶

No documento, Astrojildo deixa clara a pouca importância numérica dos homens e mulheres de letras na composição do partido. Além disso, ao

chamar os escritores de “jovens”, subentende-se que não eram figuras consagradas no mundo das letras. Por fim, Astrojildo não deixa dúvidas sobre as origens dos jovens escritores: são todos pequeno-burgueses. No entanto, Secco busca caracterizar de maneira mais precisa a condição desses intelectuais “pequeno-burgueses”:

Era diferente o caso de intelectuais militantes com origem numa baixa classe média, como Astrojildo Pereira, Antonio Bernardo Canellas e Octávio Brandão. É que a origem modesta destes quadros se combinou com outra formação típica dos meios anarquistas e os três já haviam publicado artigos e folhetos.⁴⁷

Há, assim, um fator específico a ser considerado: uma ênfase do movimento anarquista, origem da maioria dos militantes comunistas, na formação educacional e intelectual do militante como meio necessário de sua libertação.⁴⁸

Pode-se dizer que houve basicamente dois grupos de leitores que giraram ao redor da área de influência dos comunistas nos anos 1920. O primeiro integra tanto o estudante ou intelectual de classe média (frequentador, mesmo que marginalmente, dos espaços de sociabilidade intelectual, como as livrarias, cafés e mesmo faculdades de Direito) quanto o operário intelectualizado. Esse grupo é, de maneira geral, mais afeito às leituras e debates da *intelligentsia* tradicional e pode ser conhecedor da sociologia e da literatura brasileira e estrangeira. De maneira geral, é capaz de ler em outras línguas, como o espanhol e o francês. Este é o setor que recebeu o primeiro afluxo de livros estrangeiros e os traduziu (literal ou metaforicamente) para a língua nacional. É também o setor que compõe a direção partidária comunista.

Mas é ao segundo grupo que o PCB buscará dedicar a sua produção impressa. Ele é formado por operários não propriamente intelectualizados, mesmo que com espírito curioso. Grande parte é pouco ou nada alfabetizada. Quem podia ler acompanhava a imprensa partidária, frequentava os cursos de formação e palestras e tinha acesso aos livros e folhetos de pequeno volume publicados pelo partido. Os que não liam podiam participar das leituras coletivas do curso de Charles Rappoport e do *Manifesto Comunista*, entre outras.

Assim, nota-se que, ao se observar a herança anarquista do primeiro núcleo dirigente comunista, esta não se restringe à ideologia, mas igualmente ao meio de sociabilidade dessa militância proletária. O comunismo vai se incrustar no meio típico do sindicalismo revolucionário brasileiro, o meio sindical, e abrirá uma nova vereda de uma cultura operária que se desenvolvia desde a primeira década do século XX. Esse é também um dos fatores que explica as preferências nos títulos e mesmo nos tipos impressos do primeiro núcleo dirigente comunista.

Discurso sobre a leitura

No discurso comunista, a leitura em si possuía um caráter doutrinador. No número de 30 de maio d'*A Classe Operária*, a redação do jornal ensinava um método para que o operário pudesse aprender a escrever:

Um dos meios de o trabalhador aprender a escrever e, assim, colaborar na *A Classe Operária* sem nos dar o trabalho de passar a limpo os artigos que ele nos envia, é empregar as horas vagas em copiar colunas inteiras deste jornal. Além disto, por este processo, as ideias entrarão mais facilmente na cabeça.⁴⁹

O olhar do partido comunista sobre a leitura está intrinsecamente conectado à sua concepção de militância e ação política. Como apontou Marie-Cécile Bouju, no discurso comunista “o ato de ler não é neutro: ele pode tanto servir à causa do proletariado (formar revolucionários profissionais) quanto ameaçá-la”. A leitura é menos um ato de lazer e autoformação do que uma obrigação militante.⁵⁰ A direção comunista se dirige em tom imperativo à sua base. O número 7 de *A Classe Operária*, de 13 de junho de 1925, aponta as recentes edições comunistas:

A Classe Operária acaba de editar dois folhetos de propaganda.

Um é *O Canto Imortal dos Trabalhadores*. Contém os versos, a música, a história, os retratos, e as biografias do autor da letra, do autor da música e do tradutor da *Internacional*. Custa 400 réis cada exemplar.

O outro é *Abre Teus Olhos, Trabalhador!*, para propaganda no seio das grandes massas. Custa 100 réis cada exemplar.

É de interesse e é um dever para todo trabalhador – ler e propagar os livros que lhe falam a verdade.

Trabalhadores! Esgotai as edições da *A Classe Operária!*⁵¹

O caráter pedagógico e doutrinário da leitura comunista eram aspectos conscientes para os responsáveis pela divulgação ideológica do partido, como Astrojildo Pereira e Octávio Brandão. No número de julho de 1922, a redação do *Movimento Comunista* apontava as tarefas das publicações do partido. Para os comunistas:

Nossa livraria, com as obras de fundo que possui e com as edições que vamos fazendo, deverá multiplicar-se e subdividir-se. Cada centro, cada grupo, cada jornal nosso deve ser uma espécie de sucursal da livraria central, com um camarada diligente encarregado do serviço. Com uma direção centralizada

capaz, constituirá a venda de livros não só uma apreciável fonte de renda do partido, como um dos mais poderosos meios de propaganda e difusão das doutrinas comunistas.⁵²

Por meio do paratexto, os editores ensinavam o operário a usar o livro em benefício da causa comunista. A brochura *Noções do Comunismo*, de Charles Rappoport, traz na contracapa as tarefas do leitor: “lede e fazei ler este folheto. Estudai o comunismo. Fora dele não há solução possível para os grandes problemas da atualidade. Ingressai no Partido Comunista”.⁵³ A terceira edição de *Abre Teus Olhos, Trabalhador!* recomendava: “Lê e relê em comum. Depois, passa adiante”.⁵⁴ Já a nota de Octávio Brandão ao fim da primeira edição do *Manifesto Comunista*⁵⁵ roga a todos os comunistas e simpatizantes, a todas as associações e trabalhadores em geral:

- 1º que leiam três, quatro vezes essa obra de Marx, pedra fundamental do comunismo, procurando compreendê-la o mais possível;
- 2º que os proletários travem discussões em torno delas, nos sindicatos, nas fábricas, nas usinas, nos engenhos, no alto mar;
- 3º que transcrevam essas páginas imortais no maior número possível de jornais, revistas etc.
- 4º que façam palestras, conferências em torno dos trechos mais importantes.⁵⁶

Leitura quase técnica (ler, reler e reler...) de obras fundamentais do marxismo e do bolchevismo. Discussões nos sindicatos e locais de trabalho. Transcrição em jornais e revistas. Palestras e conferências. Estão aí os elementos fundamentais da prática cultural comunista nos anos 1920.

A edição e o oferecimento de cursos para a militância estavam intrinsecamente ligados. Pode-se mesmo dizer que a função de alguns dos livros publicados pelo partido era, em primeiro lugar, a de servir como base para a formação política do militante. Segundo relatório de 1924, o *Programa Comunista* e o *ABC do Comunismo*, de Bukharin, o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels e *Rússia Proletária* de Octávio Brandão eram utilizados nos cursos do partido.⁵⁷

Octávio Brandão foi o principal responsável pela formação comunista no decênio de 1920. Conforme relatório de 1926, desde a fundação do partido até aquele ano havia ocorrido três tentativas de iniciar cursos para a militância. Mas a repressão era um fator impeditivo. Na primeira tentativa, após algumas explicações sobre a Revolução Russa, o curso terminou em várias prisões, inclusive de seu encarregado. Na segunda tentativa, logo na aula inaugural, um provocador iniciou a briga, que resultou em vários comunistas

presos. A terceira tentativa foi a mais frutífera. Durou sete meses, de 16 de outubro de 1925 a 16 de maio de 1926.⁵⁸

Segundo se depreende das afirmações dos líderes comunistas, eles foram obrigados a escolher entre um ou outro método de formação e divulgação política. Isso decorreria, por um lado, do número diminuto de militantes que se encarregavam de tarefas práticas e de direção e, por outro, dos obstáculos da repressão. Assim, segundo Octávio Brandão, “batidos momentaneamente em luta assim tão desigual, largamos a agitação e iniciamos o trabalho de propaganda, segundo a definição Plekhanof-Lenine”.⁵⁹ Os comunistas abandonaram, destarte, as tentativas infrutíferas de voltar a publicar clandestinamente o jornal *A Classe Operária* e partiram para nova empreitada de cursos para militantes.

Brandão chegou a organizar onze turmas semanais: uma da juventude, uma de marinheiros, uma de trabalhadores em padarias, uma de avulsos, uma de metalúrgicos e operários em construção civil, duas de garçons e cozinheiros e quatro de operários das grandes fábricas de tecido. Ao todo, cerca de 1.440 alunos. Em algumas turmas a repressão impediu o término do curso. Além destes, realizaram-se um curso sobre as religiões e outro sobre questões de tática. Neste, trabalhou-se a *Moléstia Infantil do Comunismo*, de Lenin. Mas as aulas foram interrompidas pela perseguição policial.

Houve um curso proposto pela Internacional Comunista, cujo programa foi publicado em *A Nação*.⁶⁰ Muito provavelmente se constituía apenas em propaganda da formação comunista: o tamanho do curso, os diversos assuntos, todos os livros necessários... Não havia material nem pessoal capacitado para torná-lo realidade.

Os cursos que efetivamente ocorreram eram ministrados por Leôncio Basbaum, Fernando Lacerda, Pedro, Paulo, Vargas, Ogal, Odilon, entre outros camaradas. A divisão era por turmas: elementares e médias. Em *A Nação*, convidavam-se “todos os operários e todas as operárias com suas famílias a comparecer aos cursos sobre a teoria e a tática do proletariado, o que constituirá um excelente meio de educação marxista-leninista”. Os alunos elementares estudavam por meio do *ABC do Comunismo*. Os alunos de nível médio liam *Agrarismo e Industrialismo* e a *História do PC Russo*. A redação do jornal dava ainda suas dicas aos ministrantes dos cursos:

É preciso que os encarregados dos cursos sejam pontuais. Trabalhem com método. Tornem a lição interessante para os alunos.

Façam perguntas constantes aos mesmos. Façam-nos repetir com as próprias palavras o que acabaram de ouvir. Transformem a lição numa espécie de sabatina.

É preciso que cada aluno se transforme num expositor metódico. As lições não devem ter um caráter abstrato: devem estar ligadas às questões do mo-

mento nacional e internacional; para isto, quando houver oportunidade, o encarregado, como uma aranha hábil, tirará um fio da questão que estiver lecionando e ligá-lo-á às grandes questões gerais, concretas, de atualidade.⁶¹

Começariam mesmo com dois alunos e o final da aula deveria ser dedicado ao jornal *A Nação*.⁶² O aprendizado no curso, assim como o hábito de ler, não deveria ser abstrato, mas prático.⁶³



Contracapa da brochura *Noções do Comunismo*, de Charles Rappoport, trazendo a tarefa do leitor: "Lêde [sic.] e fazei ler este folheto". Acervo Biblioteca Edgard Carone

A leitura de periódicos comunistas era também uma forma de educação política da militância de base. Conforme as memórias de Heitor Ferreira Lima, Astrojildo Pereira aparecia por vezes na União dos Alfaiates e traduzia aos presentes artigos de *La Correspondance Internationale* a respeito da situação política mundial, das atividades dos partidos comunistas e outros assuntos.⁶⁴

Agitprop

Como apontou Serge Wolikow, "a imprensa e a edição de livros são desde o nascimento do Komintern um instrumento essencial de sua ação, *mas também de sua organização*".⁶⁵ A cultura política comunista inauguraria um novo papel e uma nova centralidade para a propaganda ideológica. Praticamente todas as instâncias e níveis do PCB tinham como uma de suas ativi-

dades fundamentais a agitação e a divulgação dos ideais comunistas. A partir da diretiva bolchevique, a estrutura editorial deveria ser centralizada e servir à tarefa da *agitprop*. A “agitação e propaganda” designava a tarefa essencial que os partidos comunistas deveriam exercer de promover a formação dos quadros dirigentes (propaganda) e a educação política das massas (agitação).⁶⁶ Ao longo dos anos 1920, foi se desenvolvendo o conceito sob o qual os comunistas de todo o mundo entenderiam a sua prática de divulgação ideológica.

O termo “agitação e propaganda” ainda não havia surgido no primeiro Estatuto do PCB, aprovado no congresso de 1922. Nesse primeiro momento, as tarefas gerais de propaganda estavam a cargo do encarregado da secretaria geral e a parte de divulgação impressa sob os auspícios do responsável pelo serviço de imprensa e publicidade. Segundo o Estatuto, este último serviço:

Dirige as publicações centrais do Partido e controla todas as demais publicações comunistas do país, sejam de iniciativa coletiva ou individual, não se admitindo, de maneira alguma, que a pretexto de autonomia se possam fazer quaisquer publicações contrárias à orientação política geral do Partido.

Tem a responsabilidade, perante a Comissão Central Executiva, das doutrinas sustentadas nas publicações centrais do Partido.

Faz publicar no órgão central do Partido, ou em boletim especial, os atos e resoluções da Comissão Central Executiva, os balanços da tesouraria e das diversas empresas do Partido.

Dá à publicidade, no órgão central do Partido, todas as resoluções das assembleias dos centros, bem como admite as observações que sobre assuntos internos ou de interesse geral sejam feitas pelos filiados.⁶⁷

Como se observa, o serviço de imprensa e publicidade já possuía caráter *centralizado* e *centralizador* no quadro mental comunista. Além de ser o responsável por difundir as decisões, doutrinárias ou práticas, emanadas da Comissão Central Executiva, ele aponta para o fato de que o militante comunista não pode alegar autonomia de pensamento, sendo vedada a publicação de ideias contrárias à orientação do partido, mesmo que sejam publicações autônomas e individuais. Antonio Bernardo Canellas conheceria os efeitos dessa disposição.⁶⁸

Mas o II Congresso do partido será realizado em meio às discussões da diretiva conhecida pelo nome de bolchevização, cujo processo transformou a fisionomia dos partidos comunistas. Propõe-se, a partir de então, uma nova estrutura aos PC, fundada sobre os grupos de base, as células, que devem agrupar os aderentes no local de trabalho e não mais no local de residência. Reestruturação orientada pela direção kominterniana, “os novos estatutos-ti-

po, elaborados pela Internacional Comunista, definem nos menores detalhes o funcionamento dos partidos comunistas”.⁶⁹ O II Congresso do PCB tratará de observar esses estatutos-tipo e adaptá-los parcialmente ao ambiente brasileiro. Foi no curso desse processo que se desenvolveu o conceito de *agitprop*.

Em 1925, as *Teses e Resoluções* do II Congresso do PCB possuíam uma seção intitulada “Teses sobre Agitação e Propaganda”, onde se definiria a triáde “agitação, propaganda e educação cultural”. Cada membro do partido deveria tomar parte no trabalho político diário. Um dos meios principais para isso era atuar como propagandista da causa. Para tanto, “é necessário que cada membro comunique à Seção de Agitação e Propaganda ou às outras seções do PC quais as suas tendências: agitador? propagandista? teórico? organizador? administrador? tradutor?”⁷⁰ O trabalho do comunista como agitador devia ser o do infatigável militante de base, que penetra o ambiente proletário, buscando ao mesmo tempo esclarecer as massas e conquistar novos adeptos:

O comunista é o homem que mergulha no coração dos sindicatos, cooperativas, cais, trapiches, usinas, fábricas, oficinas, campos, navios, minas, estradas de ferro, bairros pobres. Penetra em todos os locais de trabalho. Coloca-se às 11 horas ou às 4 da tarde nos portões da fábrica ou nas portas das oficinas para conquistar adeptos, distribuir folhetos e boletins. Procura novos e novos cavouqueiros para auxiliá-lo na obra, minando, aluindo, perfurando, como a pua, como a verruma, todo o edifício social, edifício construído pela burguesia com os ossos e argamassado com o sangue dos trabalhadores.⁷¹

Dessa forma, vai se constituindo a definição da *agitprop* que guiará a obra do primeiro núcleo dirigente comunista. Nessa acepção, a agitação seria “a influência de uma ou de algumas ideias sobre grandes agrupamentos humanos”.⁷² Conforme as “Teses sobre Agitação e Propaganda”:

A agitação é, pois, o trabalho nas massas. Resumindo o parágrafo 4º das teses do 3º Congresso sobre a estrutura dos Partidos Comunistas, temos a dizer que a agitação deve basear-se nas camadas profundas do proletariado, deve ser inspirada pela vida concreta dos trabalhadores, por seus interesses comuns, por suas lutas e seus esforços.

Formas de agitação: “meetings” nas fábricas à hora do almoço, discussões pessoais, participação nos movimentos sindicais, ação pela imprensa, visita aos bairros operários.⁷³

Já a propaganda seria “a influência de várias ideias sobre um pequeno agrupamento humano”.⁷⁴ A propaganda pode envolver contato mais direto

de um militante com um interessado no que ele tem a dizer. Ao definir esta forma de divulgação ideológica, oferece-se praticamente um guia ou uma técnica de como transmitir o ideal comunista. O texto apresentado nas “Teses sobre Agitação e Propaganda” constituiu, aliás, efetivamente um guia, pois foi publicado como panfleto pela Comissão de Educação e Cultura com o título *Para Fazer Propaganda Individual (Sugestões para Comunistas)*, sendo datado de 1º de junho de 1924 e, muito provavelmente, escrito pelo encarregado da Comissão, Octávio Brandão.⁷⁵

Era preciso, em primeiro lugar, escolher acuradamente o interlocutor. A seguir, faz-se necessário observar a forma de se manejarem as ideias e tornar mais eficiente a discussão:

A discussão é como um campo de batalha: o comunista alinha os argumentos como se fossem batalhões – primeiro os mais fracos, depois cada vez mais fortes, até a carga final, definitiva. Na discussão, como na batalha, é preciso vencer. Força e habilidade! A luta com argumentos é o prenúncio da luta pelas armas. O comunista vencendo o adversário no terreno da discussão, vencê-lo-á no terreno das armas.

[...]

A propaganda deve ser metódica. Sem método, o comunista dará com os burros n’água. Não deve cair no erro dos anarquistas que iam explicar coisas profundas à massa ainda atrasada; a massa não digeriria e, em lugar de conquistar simpatias, o anarquista ou não era compreendido ou conquistava ódio.⁷⁶

Uma ordem da temática devia ser seguida pelos argumentos do comunista em sua batalha das ideias: 1º econômicos; 2º políticos; 3º econômico-políticos; 4º comunistas (meios e fins); 5º antirreligiosos; 6º filosóficos. Quanto ao vocabulário, “deve ser pobre”, e quando não se puder evitar o uso de um termo mais complexo, deve-se de pronto explicar o significado da palavra.⁷⁷

Não se pode ignorar, como fator de propaganda, o papel da iconografia comunista.⁷⁸ A propaganda também deve ser visual, recorrendo-se “a fotografias da Rússia ou objetos vindos de lá”, pois “uma fotografia de trabalhadores bem alimentados, vestidos decentemente, instalados com um certo conforto, penetra mais profundamente do que a mais bela descrição da sociedade futura”.⁷⁹

Em *A Nação*, com a melhoria da qualidade técnica, as artes gráficas comunistas se desenvolveram. O título do jornal aparecia centralizado. Na imagem seminal proveniente da heráldica soviética, cuja primeira aparição deve ter sido por volta de 1917⁸⁰, à esquerda, encontram-se a foice e o martelo, à frente dos raios de sol e circundada por ramos de trigo, com os dizeres:

“Proletários de todos os países, uni-vos!” Acima do título, a frase da canção *A Internacional*: “Não há direitos para o pobre, ao rico tudo é permitido”. À direita, lia-se num quadro a data e uma frase, modificada número a número, de um líder soviético ou clássico do marxismo: Gorki, Lenin, Bukharin, Stalin, Marx, Engels. Fato interessante, nos 187 números, a frase deve ter se repetido uma ou duas vezes. Afora pensadores diretamente ligados ao marxismo, apareceu uma única vez citação vinda de outra fonte, Luís de Camões: “Leis a favor do Rei se estabelecem. As em favor do povo só perecem”.⁸¹ A sacralização de livros e autores na cultura comunista permitia que se ampliasse o universo de referências, mesmo sem a leitura direta dos autores citados.⁸²

No discurso comunista, haveria ainda a “educação cultural”. Apontava-se, assim, a necessidade de que “a cultura marxista tenha um fim prático, proletário. O comunista não pode ser um intelectualista, que vise à cultura pela cultura. A teoria marxista é inseparável da prática – da luta do proletariado internacional. Não tem sentido a cultura marxista exclusivamente teórica”.⁸³ Trata-se, é certo, da grande controvérsia sobre o papel do intelectual e da teoria no processo de emancipação social, presença constante nas discussões do movimento operário e revolucionário. Conforme Adriana Petra:

Já que para Lenin a “revolução cultural”, tal como ele a compreendia, constituía um elemento essencial do projeto de transformação socialista da Rússia, esta não podia desenvolver-se autonomamente do poder político, mas, pelo contrário, o partido devia exercer um controle total também neste terreno.⁸⁴

Mais tarde, a política cultural de Stalin seria uma síntese entre o dirigismo leninista e uma leitura particular do “proletarismo” de Bogdanov.⁸⁵ Mas o que se põe em relevo é o aspecto prático dessa “educação cultural”. As “Teses sobre Agitação e Propaganda” apontam que, na conjuntura em que se encontra, o partido podia fazer muito pouco pela educação marxista da vanguarda:

A educação propriamente cultural terá de fazer-se, neste momento, de um modo imperfeito. O único meio é o autodidatismo. Cada comunista transformar-se-á em professor de si próprio. Quando muito, o Serviço de Agitação e Propaganda poderá indicar os livros e a sua sucessibilidade[sic] na leitura, o que, aliás, já está feito no fim do *Rússia Proletária*.⁸⁶

Notam-se, nessa passagem, dois pontos fundamentais. O primeiro diz respeito ao posicionamento dos comunistas com referência à formação ideológica de seus correligionários. Havia uma divisão estabelecida claramente entre “massa” e “vanguarda” e isso se refletia em suas formas de divulgação

cultural e ideológica. Em relatório de novembro de 1924, o encarregado da então Comissão de Educação e Cultura, Octávio Brandão, explicava a Bela Kun, responsável pela Seção de Agitação e Propaganda da IC, o trabalho de educação desenvolvido até o momento:

No trabalho de educação temos dois tipos: para a minoria do Partido; para a massa. Para a minoria, temos publicado livros, folhetos etc. Nas reuniões temos examinado a revolução russa, a revolução mundial, o marxismo, o leninismo, a economia, a política, a filosofia capitalista e comunista, o materialismo dialético, o modo de fazer propaganda (metódica), os problemas religiosos etc. Para as massas, temos feito conferências. Estávamos imprimindo uma série de folhetos muito acessíveis – já tínhamos prontos, impressos – quando rebentou a revolta. Ficou tudo interrompido.⁸⁷

A linha que separava a formação da massa da que se destinava à vanguarda instruía igualmente a propaganda das edições distribuídas pelo partido. Na primeira fase de *A Classe Operária*, anunciavam-se os livros destinados à massa e à vanguarda:

Leituras para trabalhadores

Para as massas

<i>Evangelho dos Livres</i>	\$200
<i>Programa da I.S.V.</i> (em espanhol).....	1\$200
<i>Três Anos de Luta da I.S.V.</i>	\$300

Para a vanguarda

<i>Anarquismo e Comunismo</i> – Bukharine..	\$200
<i>Manifesto de Marx</i> – Engels.....	\$500
<i>Rússia Proletária</i>	3\$000
Revista do PC – cada n.	\$300 e \$500. ⁸⁸

O segundo ponto notório no discurso comunista sobre a difusão ideológica é a impossibilidade de se efetuar uma “educação cultural” (isto é, formação da vanguarda) de maneira adequada em razão das impossibilidades do momento. Por isso, a agitação para as massas tinha precedência. Para ilustrar a diferença entre os elementos da tríade, as “Teses sobre Agitação e Propaganda” apontam suas distinções em três formas de divulgação do ideário comunista que já haviam sido levadas a cabo pelo partido:

Falando concretamente, podemos citar *A Classe Operária*, como um exemplo do trabalho de agitação, o *Movimento Comunista*, como um exemplo do tra-

balho de propaganda, e os cursos para a leitura do *Anti-Dühring* e de obras semelhantes, como um exemplo do trabalho de educação cultural.⁸⁹

Analisando a situação em que se encontravam o partido e o movimento operário brasileiro e incorporando as diretivas do Executivo da Internacional Comunista, o partido aponta quais serão as atividades que terão preferência em termos de divulgação ideológica:

Desejando nós ser um partido de massas e não uma seita, é claro que temos de concentrar as energias, em primeiro lugar, sobre a agitação; e em segundo lugar, sobre a propaganda. Só em terceiro lugar é que poderemos nos ocupar das questões profundas do marxismo.

As três formas de divulgação cultural comunista, “agitação, propaganda e educação cultural”, relacionam-se com o tamanho do público envolvido e o grau de detalhe e profundidade das ideias, sendo um inversamente proporcional ao outro. No fundo, o ideal marxista-leninista (o termo marxismo-leninismo já aparece nas *Teses e Resoluções* do II Congresso do PCB)⁹⁰ é um mesmo conjunto doutrinário que deve, no entanto, apresentar-se em formas diferentes de acordo com o público a que se quer atingir. Com esse conceito em mente, o grupo dirigente comunista definirá, dentro de suas possibilidades, aquilo que será editado e distribuído como forma de divulgação ideológica.

Conclusão

Horácio Tarcus observou, em seu estudo sobre a recepção de Marx na Argentina de fins do século XIX e início do XX, que “como todo estudo de recepção, o presente não se propõe a valorar se os socialistas argentinos leram ‘correta’ ou ‘incorretamente’ Marx, mas estabelecer *como* leram e *por que* leram como leram”.⁹¹ Seguindo orientação semelhante, podemos afirmar o valor do estudo das matrizes intelectuais dos primeiros marxistas brasileiros. Observamos que o equívoco das análises que buscaram demonstrar o caráter mecanicista da leitura que Octávio Brandão fez do marxismo foi o de não colocar o devido relevo nas condições culturais e intelectuais sob as quais foram realizadas as primeiras leituras marxistas pelo núcleo dirigente comunista dos anos 1920 em geral, e por Brandão especificamente. Isto é, a especificidade do processo de difusão intelectual do marxismo.

A sistematização e vulgarização do marxismo passaram por todo um processo histórico que foi, passo a passo, transformando o pensamento à medida que as ideias atingiram campos dotados de pressupostos materiais e inte-

lectuais distintos do campo originário de produção. O marxismo havia se enraizado muito pouco no Brasil antes da Revolução Russa de 1917 e isso se deu por uma série de fatores, entre os quais, uma rarefação de literatura marxista.

A recepção das ideias comunistas não ocorreu em um ambiente que propiciava o debate acadêmico das ideias e, dessa forma, as reflexões de Octávio Brandão ou de Astrojildo Pereira, em sua apropriação do marxismo, não ocorreram como ato de erudição de intelectuais acadêmicos. Ao se observarem as edições comunistas dos anos 1920, logo se percebe seu sentido fundamental: a agitação política das massas. Destarte, a função elementar da produção intelectual dos dirigentes partidários foi a de formar e informar a base do partido. Essa prática intelectual foi determinada por uma diversidade de fatores, entre os quais podemos citar: *i.* as tarefas ideológicas das quais a direção kominterniana incumbia os comunistas brasileiros; *ii.* a área sociocultural ocupada pelos comunistas.

Em sua fase de defesa dos ideais anarquistas, Octávio Brandão já havia assumido a tarefa de formar as bases do movimento com uma série de folhetos de vulgarização da doutrina libertária. Como a estratégia anarquista no Brasil do primeiro quartel do século XX foi predominantemente conformada pelo sindicalismo revolucionário⁹², o espaço social majoritariamente ocupado pelos recentemente tornados comunistas foram os sindicatos operários e seu espaço de expressão intelectual o jornal ligado ou destinado a essas agremiações, mesmo que existissem igualmente os espaços de específica confluência de militantes libertários.

Mas o comunismo buscou inaugurar uma nova cultura política, com uma série de características, entre as quais: *i.* toda ação do militante está voltada para a construção do partido e divulgação de seus ideais; *ii.* o conjunto de leituras é limitado ao necessário para a compreensão da doutrina, a qual vai cada vez mais se cristalizando sob o nome “marxismo-leninismo” e, portanto, ocorre uma diminuição no arco de possibilidades do ato de ler; *iii.* a reflexão da seção nacional da Internacional Comunista se conformava à tarefa de melhor conhecer a realidade local a partir dos pressupostos doutrinários indicados, no intuito de preparar o processo revolucionário. Portanto, a tarefa da primeira direção comunista era a de reconhecer o terreno e preparar as trincheiras por meio de suas “batalhas das ideias”.

RESUMO

Como apontou Roger Chartier, é mister que os historiadores atentem às “condições e aos processos que, muito concretamente, portam as operações de construção de sentido”, visando uma “história social dos usos e interpretações, referidos às suas determinações fundamentais e inscritos nas

práticas específicas que os produzem”. Por isso, este artigo enseja um estudo sobre a formação comunista e suas práticas culturais a partir da análise da edição e da construção do sentido da leitura comunista. O recorte cronológico circunscreve a primeira década de existência do Partido Comunista do Brasil. O estudo da edição comunista e de suas práticas de leitura nos direciona, portanto, à compreensão da recepção do marxismo por parte de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão e seus camaradas da direção pecebista nos anos 1920.

PALAVAS-CHAVE

História do Livro; História Cultural; Internacional Comunista; Partido Comunista Brasileiro; Marxismo.

Uses of Books and Other Printings: Communist Cultural Building in the 1920'

ABSTRACT

As pointed out by Roger Chartier, it is vital that historians pay attention to the “conditions and processes that very concretely carry the operations of sense building”. So that this paper aims to study the Communist education and its Cultural practices through the analysis of publishing and the building up of the sense of reading in the Communist landscape. The period approached is the first decade of Brazilian Communist Party existence. The study of Communist publishing and its Reading practices conducts to the comprehension of marxism reception by Astrojildo Pereira, Octávio Brandão and his comrades of the PCB during de 1920'.

KEYWORDS

History of Books; Cultural History; Communist International; Brazilian Communist Party; Marxism

NOTAS

1. Este artigo tem origem, em grande medida, em minha dissertação de mestrado, especialmente capítulo 2, intitulada *Octávio Brandão e as Matrizes Intelectuais do Comunismo no Brasil*, defendida em maio de 2017.
2. Mestre pelo Programa de História Econômica da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Prof^a Dr^a Marisa Midori Deaecto. Doutorando pelo mesmo programa, sob a orientação do Prof. Dr. Lincoln Secco. Foi bolsista Capes. Endereço para contato: felipe.lacerda@usp.br.
3. RINGER, Fritz. *O Declínio dos Mandarins Alemães*. A Comunidade Acadêmica Alemã (1890-1933). São Paulo: Edusp, 2000, p. 21-22.
4. LÖWY, Michael. *A Teoria da Revolução no Jovem Marx*, São Paulo: Boitempo, 2012, p. 31. Grifo no original.

5. KONDER, Leandro. “Octávio Brandão, o Lenin que não Deu Certo”, *Folha de S.Paulo*, Caderno Folhetim, 23.6.1985, p. 6-8.
6. KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética. A Recepção das Ideias de Marx no Brasil até o Início dos Anos Trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 144-148.
7. MORAES, João Quartim de. “A Evolução da Consciência Política dos Marxistas Brasileiros”, In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do Marxismo no Brasil*. vol. 2: Os Influxos Teóricos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007 [1. ed. 1995], p. 43-102.
8. TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*. Sus Primeros Lectores Obreros, Intelectuales y Científicos. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, p. 53.
9. ROIO, Marcos Del. “Octávio Brandão nas Origens do Marxismo no Brasil”, *Crítica Marxista*, n. 18, 2004, p. 120.
10. Carta de Octávio Brandão ao Camarada Bela Kun, Seção de Agitação e Propaganda da I.C. datada de 18 de nov. de 1924. AEL-Unicamp.
11. Nota-se que a temática da pintura é a mesma das capas do órgão de propaganda da Internacional Comunista, a revista *L'Internationale Communiste*, publicada a partir de 1919 em russo, alemão, inglês e francês. Na capa desta revista, o tema é também um trabalhador despedaçando as correntes que prendem o proletariado de todo o mundo.
12. BRANDÃO, Octávio, *Combates e Batalhas*. (Memórias). vol. 1. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978.p. 235.
13. *II Congresso do P.C.B. (Seção Brasileira da Internacional Comunista). Theses e Resoluções*, Rio de Janeiro, 1925, p. 16. AEL-Unicamp.
14. O *Programa Comunista* pode ter sido indicado em português. Apesar de a lista ser datada de novembro de 1922, *Rússia Proletária* foi publicado no início de 1924, quando o *Programa Comunista* já havia sido editado no Brasil (1923). Seu tradutor foi Everardo Dias, segundo informação de Heitor Ferreira Lima. LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos Percorridos*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 49.
15. Este, indicado em português, é certamente o resumo d’*O Capital* de Gabriel Deville, em edição de Portugal, que era a que circulava no Brasil. A referência é a que segue: MARX, Carlos. *O Capital*. Resumido e acompanhado de um estudo sobre o socialismo científico por Gabriel Deville. trad. Albano de Moraes, Lisboa: Edição da Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, 1912 (XXI – Bibliotheca d’Educação Nacional). [Biblioteca Edgard Carone]
16. BRANDÃO, Octávio. *Rússia Proletária*. Rio de Janeiro: Voz Cosmopolita, 1923 [1924], p. 260-261. [Biblioteca AEL-Unicamp]
17. Carta de Octávio Brandão ao Camarada Bela Kun, Seção de Agitação e Propaganda da I.C., datada de 18 de nov. de 1924. AEL-Unicamp.
18. Ao que tudo indica, a de Octávio Brandão foi a primeira tradução completa do *Manifesto do Partido Comunista*. No entanto, há indícios de outras traduções. Segundo

as memórias do próprio Brandão, “falam em traduções da obra, antes de 1923. Se é verdade, não tiveram repercussão e adquiriram apenas caráter cronológico. Vivendo no meio dos trabalhadores do Rio de Janeiro, nunca ouvi falar nada a respeito de traduções anteriores do *Manifesto Comunista*”. BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas*, p. 242. Leandro Konder aponta que “anteriormente, em 1919, o engenheiro Georg Magh tinha empreendido uma tradução do famoso texto, que, no entanto, não chegou a ser divulgada na íntegra”. KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética*, p. 142. No jornal *A Vanguarda*, de 2 de junho de 1919, acervo do Cedem-Unesp, há uma tradução, provavelmente parcial e sem indicação do responsável. Agradeço a Lincoln Secco e Carlos Fernando de Quadros pela informação do jornal *A Vanguarda*.

19. CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, p. 62.

20. BRANDÃO, Octávio, *Combates e Batalhas*. (Memórias), p. 241-242; Cf. SECCO, Lincoln, *A batalha dos Livros*, Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2017, p. 66. No *Prelo*. Octávio Brandão afirma em correspondência a Bela Kun que Astrojildo, Paulo Lacerda e ele mesmo traduziam artigos teóricos para os periódicos dirigidos pelos comunistas. Carta de Octávio Brandão ao Camarada Bela Kun, Seção de Agitação e Propaganda da I.C. datada de 18 de nov. de 1924. AEL-Unicamp, p. 11.

21. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Porto Alegre: Sul-Brasil, 1924. [Biblioteca Edgard Carone]

22. A referência, segundo o catálogo de Marie-Cécile Bouju, é a seguinte: “*Manifeste du Parti Communiste*. Traduction... soigneusement revue et corrigée et accompagnée d’une table analytique et d’un index des noms cités, trad. de l’allemand par Laura Lafargue, Paris, Librairie de l’Humanité, 1922, 63 p., in 16”. BOUJU, Marie-Cécile. *Catalogue de la Production des Maisons d’Édition du Parti Communiste Français 1921-1956. en ligne*, 1999, p. 5.

23. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifeste du Parti Communiste*. Édition française autorisée avec des préfaces des auteurs aux éditions allemandes, trad. de Laura Lafargue, revue par Engels, Paris, Au siège du Conseil National, 1912 (Librairie du Parti Socialiste (S.F.I.O.)). [Biblioteca Edgard Carone]

24. KONDER, Leandro. . , p. 142.

25. SECCO, Lincoln. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”, In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIÉ, Jean-Yves (Orgs). *Edição e Revolução*. Leituras Comunistas no Brasil e na França. Cotia, SP/ Belo Horizonte, MG: Ateliê/Editora da UFMG, 2013. p. 30.

26. WOLIKOW, Serge. “História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu”. In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIÉ, Jean-Yves (Orgs.), *Edição e Revolução*, p. 314.

27. TARCUS, Horacio., p. 31.

28. BOUJU, Marie-Cécile. *Lire en Communiste*. Les Maisons d’Édition du Parti Communiste Français, 1920-1968. Rennes: Presse Universitaires de Rennes, 2010, p. 24.

29. BUKHARIN, N. *ABC do Comunismo*. 2. ed. bras. revista e anotada por Aristides Lôbo, São Paulo: Unitas, [1933], orelha.
30. Carta ao secretariado de cultura do C.E. da I.C., Rio de Janeiro, 13 de abr. de 1923. AEL-Unicamp.
31. A Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brasil, *Abecedário dos Trabalhadores*, 1924 (possui datação de 7 de dez. de 1923), p. 5. AEL-Unicamp.
32. *Abre Teus Olhos, Trabalhador!*, 1924 (possui datação de 30 de maio de 1924). AEL-Unicamp. O folheto teve ainda mais duas edições no decênio (1925 e 1929). A edição de 1929 foi publicada já sem a lista de folhetos anunciados ao fim e trazendo o nome do autor. Octávio Brandão, *Abre Teus Olhos, Trabalhador!*, 3. ed., 1929. [Biblioteca Edgard Carone]
33. A Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brasil, *O Paiz e o Governo dos Trabalhadores*, 1924 (Possui datação de 9 de junho de 1924). AEL-Unicamp.
34. *O Cidadão e o Produtor*, Recife, s/n, 1923 (Pequena Biblioteca de Cultura Proletária, n. 1). [Biblioteca Edgard Carone]
35. BOUJU, Marie-Cécile. *Catalogue de la Production des Maisons d'Éditions du Parti Communiste Français (1921-1956)*, p. 8.
36. RAPPOPORT, Charles. *Précis du Communisme*. Paris: Librairie de l'Humanité, 1924, p. 2 (Les Cahiers Communistes, n. 1). [Biblioteca Edgard Carone]
37. RAPPOPORT, Charles. *Noções do Comunismo*. Recife: s/n, 1924 (Pequena Biblioteca de Cultura Proletária, n. 2). [Biblioteca Edgard Carone]
38. Carta ao secretariado de cultura do C.E. da I.C., Rio de Janeiro, 13 de abr. de 1923. AEL-Unicamp; Carta de Octávio Brandão ao Camarada Bela Kun, Seção de Agitação e Propaganda da I.C. datada de 18 de nov. de 1924. AEL-Unicamp.
39. Tradição vinda do século XIX, inventada em 1838 pelo editor Gervais Charpentier, a coleção, dita “biblioteca”, é um dos meios de se definir o que merecia ser lido, o que era mais útil e ainda propor ao público uma série uniforme em termos materiais e de conteúdo. Foi amplamente utilizada por republicanos e socialistas no século XIX. BOUJU, Marie-Cécile. . , p. 12.
40. *Ibidem*, p. 24.
41. O Grupo Editor Livre Pensamento distribuía um folheto mensal de 32 a 64 páginas mediante quota anual de dois mil réis. O PCB irá distribuir algumas das brochuras de temática anticlerical desse grupo, provavelmente pelo intermédio de Everardo Dias. Um Pai de Família, *O Baptismo*. São Paulo: Grupo Editor Livre Pensamento, s/d. [Biblioteca Edgard Carone]
42. “A Propaganda Comunista no Brasil”, carta de Octávio Brandão, datada de 10 de jun. de 1926. AEL-Unicamp. Cf. SECCO, Lincoln. *Formação da Esquerda no Brasil*. Das Primeiras Impressões à Batalha dos Livros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015, p.

81. *No Prelo*. A obra, à qual o autor gentilmente nos cedeu o acesso antes da publicação, foi consultada em uma prova em que constava o título referenciado. Mais tarde, optou-se pela alteração do título.

43. *Ibidem*, p. 81.

44. SECCO, Lincoln. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”. In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.), *Edição e Revolução*, p. 39.

45. *Ibidem*, p. 39-40.

46. Carta de Astrojildo Pereira à Seção de *agitprop* do Komintern, Rio de Janeiro, 16 de set. de 1926. AEL-Unicamp.

47. SECCO, Lincoln. “Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943)”, In: DEAECTO, Marisa Midori & MOLLIER, Jean-Yves, *Edição e Revolução*, p. 40.

48. Sobre o tema: KHOURY, Yara Aun. “Edgard Leuenroth, Anarquismo e as Esquerdas no Brasil”, In: FERREIRA, Jorge & AARÃO REIS, Daniel (Orgs.). *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p. 127-128. (As Esquerdas no Brasil, vol.1)

49. *A Classe Operária*, ano I, n. 5, Rio de Janeiro, 30 de mai. de 1925, p. 2. Cedem-Unesp.

50. BOUJU, Marie-Cécile. . . , p. 74.

51. *A Classe Operária*, ano I, n. 7, Rio de Janeiro, 13 de jun. de 1925. Cedem-Unesp.

52. *Apud*: PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980, p. 16. Grifo nosso.

53. RAPPOPORT, Charles. *Noções do Comunismo*. [Biblioteca Edgard Carone]

54. BRANDÃO, Octávio. *Abre Teus olhos, Trabalhador!* 3. ed., 1929, p. 8. [Biblioteca Edgard Carone]

55. Esse trecho foi originalmente publicado no jornal *Voz Cosmopolita*, na edição em que se iniciava a publicar a tradução do *Manifesto Comunista* realizada por: BRANDÃO, Octávio. *Voz Cosmopolita*, ano II, n. 29, Rio de Janeiro, 1º.9.1923, p. 3. Arquivo do Estado Russo. RGASPI. F.495. Op.29. D.12

56. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Porto Alegre: Sul-Brasil, 1924, p. 40. [Biblioteca Edgard Carone]

57. Carta de Octávio Brandão ao Camarada Bela Kun, Seção de Agitação e Propaganda da I.C. datada de 18 de nov. de 1924. AEL-Unicamp.

58. *Ibidem*.

59. “A Propaganda Comunista no Brasil”, carta de Octávio Brandão, datada de 10 de jun. de 1926. AEL-Unicamp.

60. *A Nação*, ano II, n. 379, 12 de mai. de 1927, Rio de Janeiro, p. 2. Cedem-Unesp. Ver anexo 5.

61. *A Nação*, ano II, n. 382, 16 de mai. de 1927, Rio de Janeiro, p. 3. Cedem-Unesp.
62. Idem.
63. BOUJU, Marie-Cécile., p. 74-75.
64. LIMA, Heitor Ferreira. Op.cit., p. 36.
65. WOLIKOW, Serge. *L'Internationale Communiste (1919-1943)*. Le Komintern ou le Rêve Déchu du Parti Mondial de la Révolution. Paris: Les Éditions de l'Atelier, 2010, p. 151. Grifo nosso.
66. BOUJU, Marie-Cécile. "O Livro na Política: As Editoras do Partido Comunista Francês (1920-1958)", In: DEAECTO, Marisa Midori& MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução*. p. 267-269.
67. Partido Comunista (S.B.I.C.), *Estatutos Aprovados no Congresso Comunista Reunido no Rio de Janeiro a 25, 26 e 27 de março de 1922*, p. 8. [AEL-Unicamp]
68. É claro que, segundo o autor anônimo de *O Processo de um Traidor*, que sabemos ter sido Astrojildo Pereira, formalmente não se negava o direito de Canellas ter publicado seu relatório da delegacia à Rússia, mas certamente esse foi um dos aspectos que mais pesou para a expulsão do militante. Ainda mais que, em carta de Moscou de dezembro de 1923 (sem assinatura), recomenda-se que, "quanto ao caso Canellas: se estiver de acordo em trabalhar como soldado disciplinado no partido creio que será melhor se não o suspendeis definitivamente". Canellas seria suspenso definitivamente no mesmo mês. Partido Comunista (S.B.I.C.), *O Processo de um Traidor*,(O Caso do Ex-communista A. B. Canellas). Rio de Janeiro:Typographia Lincoln, 1924, p. 27. [Biblioteca Edgard Carone]; Carta "al CE del PC del Brasil" datada de Moscou, 10 de dez. de 1923. AEL-Unicamp.
69. WOLIKOW,Serge.*L'Internationale Communiste (1919-1943)*. p. 76-77.
70. *II Congresso do P.C.B. (Secção Brasileira da Internacional Comunista)*. *Theses e Resoluções*, Rio de Janeiro, 1925, p. 13. AEL-Unicamp.
71. Idem.
72. Idem.
73. *Ibidem*, p. 14.
74. *Ibidem*, p. 13.
75. A Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brazil, *Para Fazer Propaganda Individual (Sugestões para Communistas)*. 1925. Há datação de 1º de junho de 1924. A tiragem foi de 400 exemplares. AEL-Unicamp.
76. *II Congresso do P.C.B. (Secção Brasileira da Internacional Comunista)*. *Theses e Resoluções*, Rio de Janeiro, 1925, p. 14. AEL-Unicamp.
77. *Ibidem*, p. 15.
78. Quanto à questão das fotos, certamente eram consideradas bastante importantes para a divulgação ideológica, mas os comunistas brasileiros tiveram alguma difi-

culdade para consegui-las. Em setembro de 1926, Astrojildo Pereira fazia pedido a Codovilla, estando este em Moscou, de envio de um serviço de fotografia: “Precisamos ter aqui um serviço de fotografias da Rússia. Eu havia encomendado a Paulo [de Lacerda], e este transmitiu a encomenda a Ercoli [PalmiroTogliatti], que tomasse uma assinatura, em meu nome, do *Projector*. Com esta teríamos o serviço fotográfico necessário. Como não recebi nenhum número, insisto para que seja tomada a assinatura (o preço desta, anual, pode ser descontado no pagamento das publicações que tenho mandado para aí). Direção para o *Projector*: Astrojildo Pereira, Rua do Senado 215”. Carta de Astrojildo Pereira a “Codo” [Victorio Codovilla], Rio, 2.9.26. Manuscrito. AEL-Unicamp. Grifo do original.

79. *Ibidem*.

80. TAVARES, R. R., *Desenhando a Revolução: A Luta de Imagens na Imprensa Comunista (1945-1964)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 25.

81. *A Nação*, ano II, n. 326, de 11 de mar. de 1927. Cedem-Unesp.

82. SECCO, Lincoln, . , p. 92.

83. *II Congresso do P.C.B. (Secção Brasileira da Internacional Comunista). Theses e Resoluções*, Rio de Janeiro, 1925, p. 16. AEL-Unicamp.

84. PETRA, Adriana Carmen. *Intelectuales Comunistas en la Argentina (1945-1963)*. Tesis de posgrado. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2013, p. 41.

85. PETRA, Adriana Carmen., p. 41. Sobre a relação entre o marxismo, os intelectuais e a cultura, Adriana Petra faz importante balanço na introdução de sua tese.

86. *II Congresso do P.C.B. (Secção Brasileira da Internacional Comunista). Theses e Resoluções*, Rio de Janeiro, 1925, p. 16. AEL-Unicamp.

87. Carta de Octávio Brandão ao Camarada Bela Kun, Seção de Agitação e Propaganda da IC datada de 18 de nov. de 1924. AEL-Unicamp. A “revolta” de que fala o missivista foi a revolução de 5 de julho de 1924 em São Paulo.

88. *A Classe Operária*, n. 6, Rio de Janeiro, 6 de jun. de 1925, p. 4. Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

89. *II Congresso do P.C.B. (Secção Brasileira da Internacional Comunista). Theses e Resoluções*, Rio de Janeiro, 1925, p. 13.

90. Tratando da “educação cultural”, aponta-se que “com referência à propaganda do materialismo, disse a IC no 5º congresso: ‘em nenhum grau de educação comunista se deve perder de vista a filosofia geral do marxismo-leninismo’ e “ainda mais: ‘a propaganda do marxismo-leninismo não pode ser olhada como completa sem a propaganda do materialismo militante”. *II Congresso do P.C.B. (Secção Brasileira da Internacional Comunista). Theses e Resoluções*. Rio de Janeiro, 1925, p. 13. Leandro Konder aponta que Octávio Brandão teria usado o termo “marxismo-leninismo” pela

primeira vez em artigo publicado no jornal *Correio da Manhã* sob o pseudônimo de Fackel. KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética*. p. 143. A fonte de Konder são as memórias de Brandão, que aponta ter publicado esse artigo de jornal pouco depois da morte de Lenin (janeiro de 1924). João Quartim de Moraes analisou o uso do termo para demonstrar um provável uso pioneiro por Octávio Brandão, o que, entre outras coisas, poderia demonstrar uma convergência (talvez inconsciente) com o marxismo de Stalin. MOARES, João Quartim de. “A Influência do Leninismo de Stalin no Comunismo Brasileiro”, In: MORAES, João Quartim de & AARÃO REIS, Daniel (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil*. vol. 1: O Impacto das Revoluções. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, esp. p. 139-143.

91. Horacio Tarcus, p. 33.

92. Conforme assinala Felipe Corrêa, “é possível afirmar que no Brasil foram os anarquistas organizacionistas os maiores responsáveis por impulsionar o sindicalismo revolucionário, entendido por eles como uma estratégia. Ainda que houvesse outros anarquistas, na grande maioria ligado ao ‘antiorganizacionismo’, com posições distintas, não é possível negar a preponderância estratégica anarquista, que deu corpo ao sindicalismo revolucionário, possuindo este heranças significativas da AIT”. CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia*. Anarquismo, Movimentos Sociais e Poder Popular. São Paulo: Faísca, 2011, p. 88. Apesar de concordar com Edilene Toledo que houve predominância do sindicalismo revolucionário no Brasil das primeiras décadas do século XX, Corrêa polemiza com a historiadora por esta tentar apartar os sindicalistas revolucionários dos anarquistas, enquanto Corrêa aponta que o sindicalismo revolucionário conformava uma estratégia dentro do campo maior do anarquismo ao longo da história do movimento libertário.